

AGROECOLOGIA E CONSUMO POLÍTICO: A EXPERIÊNCIA DO CIRCUITO DO ALIMENTO AGROECOLÓGICO EM PELOTAS

THAÍS CARVALHO MAGALHÃES BASTOS¹; RENATA MENASCHE²;

¹Universidade Federal de Pelotas – thaisbastos1999@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – renata.menasche@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo foi elaborado para a avaliação final da disciplina de Antropologia do Consumo, disciplina optativa ofertada pelo Departamento de Antropologia e Arqueologia da UFPel.

Toma-se como objeto de investigação a primeira edição do Circuito do Alimento Agroecológico (iniciativa do Projeto Via Ecológica Serra dos Tapes - RS) – atividade realizada em agosto de 2024 na cidade de Pelotas/RS, cujo objetivo foi apresentar a cadeia produtiva de base agroecológica da Serra dos Tapes. Assim, pretende-se interpretar a experiência do Circuito do Alimento Agroecológico a partir da abordagem antropológica articulada entre estudos do consumo, da alimentação e do rural – buscando, em carácter exploratório, identificar as ideologias alimentares e percepções do rural que guiam o consumo agroecológico.

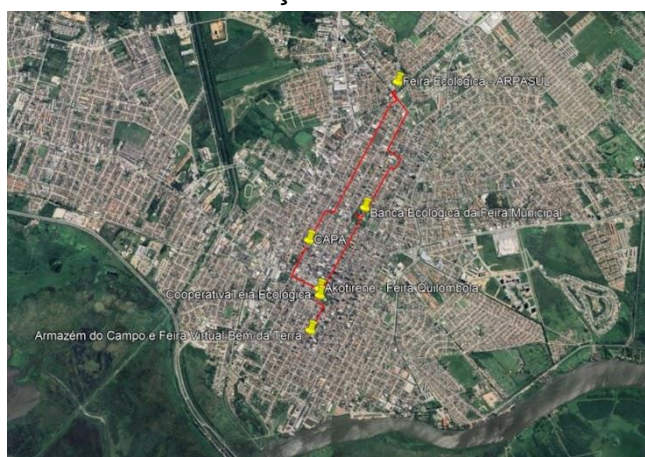
2. METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido a partir da participação no Circuito do Alimento Agroecológico. Realizada no dia 03 de agosto de 2024, a atividade se constituiu em uma caminhada de 7,4 km pela área central de Pelotas, com duração aproximada de 5 horas (das 8h30min às 13h30min), e contou com a participação de 13 pessoas. O roteiro do Circuito foi estruturado pela visita a 6 espaços ligados à produção orgânica e agroecológica da região, tendo seu início no Armazém do Campo de Pelotas. Em seguida, visitamos a Feira Quilombola Akotirene e na sequência: a Banca Ecológica na Feira Municipal de Pelotas; a Feira Agroecológica da Associação Rural de Produtores Agroecológicos da Região Sul (ARPA-SUL); o escritório do Centro de Apoio e Promoção da Agroecologia (CAPA); e encerramos a atividade na Cooperativa e Restaurante Teia Ecológica. O trajeto e locais de visita podem ser consultados na Figura 1.

Cada espaço visitado nos acolheu com a degustação de produtos orgânicos/agroecológicos. Tivemos a oportunidade de conhecer um pouco da história dos estabelecimentos e do trabalho de seus comerciantes, agricultores e funcionários, além da oportunidade de compartilhar visões, saberes e experiências referentes ao meio rural e à agroecologia.

Destarte, a experiência do Circuito e os materiais coletados (cartões, panfletos, livretos, fotos e vídeos), aliados à leitura da bibliografia indicada pela disciplina de Antropologia do Consumo e às discussões em aula, construíram a análise e reflexões do presente trabalho, que serão expostas a seguir.

Figura 1 – Trajeto e locais de visitação do Circuito do Alimento Agroecológico



Fonte: realização do Circuito do Alimento Agroecológico

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Esta seção se inicia com uma pequena descrição de cada local visitado, visando amostrar a heterogeneidade de experiências agroecológicas na agricultura familiar da Serra dos Tapes.

O Armazém do Campo foi o ponto de encontro para o início das atividades, onde, além de sermos apresentados ao espaço, tivemos a chance de nos apresentar ao grupo que se juntaria em caminhada. Inaugurada no final de 2023, a loja comercializa produtos dos assentamentos e acampamentos do MST (alimentos, artesanatos, livros, vestuário), e ainda serve de espaço cultural e pedagógico – promovendo confraternizações, rodas de samba, oficinas, rodas de conversa, etc. Vale mencionar que durante as enchentes de maio de 2024, o Armazém funcionou como ponto de arrecadação e como cozinha solidária.

A Feira Quilombola Akotirene é formada por famílias produtoras das Comunidades Quilombolas do Algodão (Pelotas) e do Monjolo (São Lourenço do Sul). Inaugurada em 2021, foi a primeira feira agroecológica quilombola do estado. Acontece todos os sábados das 8h às 14h, dentre os produtos comercializados estão: hortaliças, frutas, feijões, ovos, biscoitos, rapaduras e pães. As famílias do grupo se revezam semanalmente na administração da feira.

A Banca Ecológica na Feira Municipal de Pelotas é organizada pelos grupos Caracol e Santo Antônio, provenientes de Morro Redondo. É o local de retirada das encomendas da Feira Virtual Bem da Terra, essas também podem ser entregues em domicílio se solicitado.

A Feira Agroecológica da ARPA-SUL está presente em Pelotas desde 1995. Atualmente, constitui-se em 28 famílias de produtores agroecológicos associados, provenientes de 5 municípios da região (Arroio do Padre, Canguçu, Morro Redondo, Pelotas e Turuçu), que comercializam seus produtos em 4 localidades e horários: às terças-feiras de manhã (Av. Bento Gonçalves – Pelotas); às quintas-feiras de manhã (em frente à Prefeitura de Canguçu); às quintas-feiras de tarde (no largo do Mercado Público Central de Pelotas); e aos sábados de manhã (Av. Dom Joaquim – Pelotas).

O CAPA Pelotas atua no apoio à agricultura familiar ecológica da região sul do Rio Grande do Sul, estendendo-se por 27 municípios. Dentre suas ações, compreendem: o incentivo ao protagonismo e à cooperação dos agricultores; e a

assessoria quanto à produção, à comercialização, e ao acesso e desenvolvimento de políticas públicas.

E por fim, a Cooperativa e Restaurante Teia Ecológica se constituiu em 1999, a partir da organização de consumidores e produtores, com as demandas por produtos agroecológicos e de aproveitar os excedentes da produção das famílias agricultoras. O restaurante oferece refeições vegetarianas caseiras em *buffet*, que seguem a sazonalidade dos alimentos e a disponibilidade de oferta das famílias associadas.

De um modo geral, as conversas nos locais visitados se complementavam. O tema da agroecologia fomentou discussões sobre soberania e segurança alimentar, sustentabilidade, agronegócio, transgênicos e agrotóxicos, reforma agrária, relações campo/cidade, ecoturismo, políticas públicas, cooperativismo, consumo consciente, dentre outros. O conteúdo das conversas destaca o caráter político e social da agroecologia não apenas em sua dimensão produtiva, mas também na esfera do consumo.

A predominância da produção agroalimentar industrializada (alimentos ultraprocessados, transgênicos e carregados de agrotóxicos) gera “um contexto de baixa confiança e dúvidas com relação à alimentação contemporânea” (PORTILHO; BARBOSA, 2016, p. 263), enquanto mantém um distanciamento entre produtores e consumidores, entre rural e urbano. Percebe-se, assim, que a demanda por alimentos agroecológicos locais responde a esse contexto tendo como base três ideologias alimentares principais (saudabilidade, sustentabilidade e valor de origem) – que informam as ações dos consumidores, acrescentando um aspecto político de responsabilização às suas escolhas alimentares (PORTILHO; BARBOSA, 2016).

Na demanda agroecológica, saudabilidade deve ser entendida como o bem-estar advindo da relação comida/saúde/corpo, além de intimamente vinculada à sustentabilidade – entendida aqui como a preocupação com os possíveis impactos sociais e ambientais gerados pela produção e pelo consumo. Já o valor de origem, pode ser entendido como: a valorização da produção “tradicional e autêntica”, ou como em MENASCHE (2009, p. 8-10), o desejo pelo alimento que transmita a ruralidade; a politização do mercado, ou seja, a incorporação de demandas políticas na esfera do consumo; e a rastreabilidade dos produtos, isto é, a capacidade de conhecer a origem do que se consome e garantir sua segurança.

Essas três ideologias alimentares estiveram presentes nas falas tanto dos produtores dos estabelecimentos visitados quanto dos participantes do Circuito. O alimento agroecológico foi descrito como mais natural e mais saudável, como “comida de qualidade” – produto, à preço justo, do trabalho dos agricultores familiares da região que respeitam o meio ambiente. Conforme MENASCHE (2009, p. 14), tais representações geram uma percepção positiva, ainda que idealizada, dos consumidores sobre o meio rural, e incide nas percepções e identidades dos agricultores – na valorização de seu trabalho e tradições.

Ainda, sobre a experiência do Circuito, o consumo agroecológico foi caracterizado nos discursos dos presentes como um consumo político – que se posiciona contra o modelo convencional de produção de alimentos, e a favor da produção familiar e local. Dessa forma, percebe-se a tendência de aliança dos consumidores aos movimentos sociais rurais, por meio da aproximação de seus valores e pautas de luta, similarmente apontado por PORTILHO; BARBOSA (2016, p. 266-268).

Quanto aos cartões, panfletos e livretos coletados durante a caminhada, os materiais reforçam a importância e benefícios dos alimentos orgânicos, incentivam

um consumo que siga a sazonalidade dos alimentos (ilustrado em um calendário agrícola), e enfatizam a necessidade de parceria entre produtores, consumidores e sociedade na construção da agroecologia. Alguns materiais se preocupam com a transmissão de um saber-fazer: oferecendo dicas sobre o cultivo de hortas caseiras e urbanas; disseminando receitas de risotos e hambúrgueres; e ensinando a montar uma farmácia caseira. Um último tipo de material divulga roteiros de ecoturismo e turismo rural na região. Assim, as informações dos materiais coletados complementam a proposta do Circuito, de incentivo ao consumo agroecológico e de aproximação dos meios rural e urbano.

4. CONCLUSÕES

Pretendeu-se com este resumo interpretar a experiência do Circuito do Alimento Agroecológico a partir da abordagem antropológica articulada entre estudos do consumo, da alimentação e do rural – buscando, em carácter exploratório, identificar as ideologias alimentares e percepções do rural que guiam o consumo agroecológico. Os achados da investigação no município de Pelotas/RS corroboram com a discussão e resultados vistos em MENASCHE (2009) e PORTILHO; BARBOSA, (2016). Deste trabalho surge um interesse de aprofundar o estudo sobre consumo agroecológico na região da Serra dos Tapes, e também de adotar o ecoturismo como futuro objeto de investigação.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

MENASCHE, Renata. Campo e cidade, comida e imaginário: percepções do rural à mesa. **Ruris**, Campinas, v.3, n.2, p. 195-218, 2010.

PORTILHO, Fátima; BARBOSA, Livia. A adesão à "causa" rural e da agricultura familiar por consumidores e seus movimentos organizados. In: CHARÃO MARQUES et al (Org.), **Construção de mercados e agricultura familiar**: desafios para o desenvolvimento rural. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2016.